

VII

"GŪASŪ", "USŪ" E "ASŪ" NA HISTÓRIA DA MISSÃO DOS PP. CAPUCHINHOS DE FREI CLÁUDIO D'ABBEVILLE

FREDERICO G. EDELWEISS

(Continuação)

O valor da *História* de frei Cláudio reside principalmente nas informações de primeira ordem, que soube recolher de conterrâneos capazes e plenamente identificados com o meio, por longa convivência. O escrupuloso cuidado no coordenar e transmitir os assuntos são a sua valiosa contribuição pessoal. Essa combinação feliz fizeram da *História* do frade uma obra múltipla de primeira ordem e singular para o assunto que nos ocupa, a despeito do tempo limitadíssimo que passou no Maranhão e da exigüidade dos conhecimentos diretamente assimilados.

Passam de meia centena os aumentativos contidos no grande livro do curioso e diligente capuchinho (1). Só a este título já é a fonte mais importante, que se junta aos compêndios jesuítas para o estudo mórfico dos aumentativos em *gŭasŭ/usŭ* no tupi antigo, do qual o tupinambá foi a fonte mais importante. A variedade dos termos é outro mérito a ressaltar em nossa resenha e conexamente vale salientar que a *História da Missão* é o mais valioso subsídio ao capítulo dos topônimos e antropônimos, o ambiente mais

(1) *Histoire de la Mission des Pères Capucins en L'Isle de Maragnon etc.* Paris, 1614. — Edição fac-similar de Paulo Prado; Paris, 1922. A Livraria Martins Editora publicou na série *Biblioteca Histórica Brasileira* a tradução de Sérgio Millet com as notas que Rodolfo Garcia elaborou para a edição francesa de Paulo Prado, em 1922.

propício aos aumentativos. Ao examiná-los de mais perto vemos que eles raras vezes pairam na atmosfera romântica de certas obras de ficção, pois o adjetivo *guasú/usú* reforça com freqüência facetas negativas.

Quanto à justeza gramatical do emprêgo de *guasú*, não há, nos 37 exemplos, uma única transgressão da regra anchietana (1A). Nos 9 terminados em *usú* ocorre uma divergência, mas, em compensação, um dos 8 em *asú* também admite *guasú*, como no tupi, mostrando a ascendência dessa forma secundária, *asú*.

Apenas a dois de todos êsses aumentativos preferimos não apor a forma tupi correspondente. Nenhum serviço prestaríamos aos estudos comparativos em nossa lingüística indígena com juntar novas hipóteses às que já temos em profusão.

Para cotejos com o tupi clássico a crônica de frei d'Abbeville é um vasto repositório quase inexplorado, em que pese o sincero esforço de Rodolfo Garcia por comentar-lhe os termos tupinambás. Discípulo que foi de uma corrente da segunda metade do século passado, que ainda pensava poder decompor em primitivos monossílabos significantes todos ou pelo menos grande parte dos vocábulos tupis, como se o tronco tupi-guarani fôsse primário e não houvesse nele alienigenismos, as suas notas não podem satisfazer as exigências da lingüística moderna. Só por exceção se afasta, vez por outra, daquilo que, antes dêle, aventara Batista Caetano, êste, aliás, quase sempre de maneira muito menos categórica. Foi Batista Caetano de Almeida Nogueira o perene manancial de todo o grupo de diletantes, que, entre 1880 e 1940, folheavam léxicos à procura de etimologias. Era um esforço em grande parte destituído de orientação científica, mas que, de uma forma ou outra, manteve o fogo sagrado de uma disciplina que só morrerá em nossas Universidades, quando se nos apagar a última centelha do sagrado amor ao nosso passado, que se prolonga na língua pátria.

O pior nesse "catar de etimologias" estava no uso quase exclusivo de léxicos desnordeantes, principalmente do vocabulário guarani (!) de Batista Caetano e sem os indispensáveis conhecimentos gramaticais. A cada passo transparece, assim, o despreparo de Rodolfo Garcia em assuntos da morfologia comparada.

As nossas observações, por vezes longas, procuram tanto retificar a tradução brasileira (2) e as notas do comentarista, como, e principalmente, completar estas últimas, estabelecendo maior harmonia entre ambas, pois, não pode haver dúvida de que o tradutor e o anotador trabalharam divorciados, cada qual para o seu lado.

(1A) Esta verificação comprova, ainda que em setor restrito, o escrupuloso respeito dos jesuítas aos fatos lingüísticos na sua tarefa uniformizadora para fins pedagógicos.

(2) História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão etc. — São Paulo, 1945.

O conjunto destes senões não tira certos méritos à edição brasileira, sobretudo o da divulgação, mas clama desesperadamente por outra à altura das nossas exigências universitárias, principalmente no que tange à fidelidade na transcrição dos termos indígenas do original em grafia nossa, realmente equivalente.

A forma "gúasú" em d'Abbeville

Grafia de frei d'Abbeville	Forma tupi em nossa grafia fonêmica	Tradução portuguesa
Aiourou-ouassou (fl. 184)	— aiurú-gúasú	— papagaio grande, moleiro (3);
amboua-ouassou (fl. 185)	— ambuá-gúasú	— centopéia, embuaçu (4);
camboury-ouassou (fl. 194)	— kamury-gúasú	— camurim-açu, robalo (5);
canoua-ouassou (fl. 184v)	— kanugúá-gúasú	— o grande furta-côr (6);
cay-ouassou (fl. 186v)	— kai-gúasú	— um macaco (7);
comarou-ouassou (fl. 226)	— kumarú-gúasú	— cumaru (8);

(3) Segundo Goeldi — Aves etc. p. 19. — Rodolfo Garcia, cap. 32, p. 143, nota 38, dá *ajurú-açu*, que é uma forma *nheengatu*. Traduz *alurú*, com Batista Caetano, por *bôca de gente*, a exemplo de Teodoro Sampaio. É uma etimologia tentadora, mas onde falta comprovar, com exemplos antigos, que o *a* inicial significa *gente*.

(4) Também aqui R. Garcia se limita a transcrever a etimologia dada no *Tupi na Geografia Nacional*, II. ed. mas que T. Sampaio eliminou a III. e fez muito bem.

(5) R. Garcia está enganado quando afirma que o *camurim* é desconhecido com o qualificativo *gúasú*. Ainda toma vários outros, de acordo com as características das diversas espécies de robalos. Veja Vasconcelos — *Ictiologia*, p. 30.

(6) A palavra tupi não foi identificada pelos responsáveis da tradução brasileira. *Kanugúá*, que é a forma tupi correta, não significa simplesmente *colorido*, como dá a entender o original, mas *côres que mudam*, conforme à incidência da luz. O nome é aplicado principalmente às penas de aves e se traduz perfeitamente por *furta-côr*.

Kanugúá foi um dos vocábulos mais maltratados na edição brasileira. Não atinamos com a razão que levou o tradutor a verter *teinture* por *pau-de-tinta* (!! p. 144). E oferecem isto como tradução aos estudiosos brasileiros!

R. Garcia, por seu turno, transforma o termo tupi em *canduá* — *limo de árvore* (!), a palavra mais parecida que achou no vocabulário *guarani* (!) de Batista Caetano, onde os nossos etimologistas costumavam estudar *tupi*! O resultado foi o que se vê.

(7) A tradução brasileira transcreve erradamente *caí-açu*. R. Garcia reproduz o nome certo, mas faz etimologia às avessas. Não é de *kai* — *envergonhado* que o macaco tomou o nome, mas, ao contrário, no *guarani* o termo tomou o sentido de *vergonha, envergonhado*, pelo costume do *caí* de se tapar a cara. No *tupi*, a evolução semântica não foi a mesma e a acepção de *vergonha, envergonhado* do termo não consta dos seus léxicos (pp. 146 e 202).

(8) Nova substituição de *ouassou* (= *úasú*) por *açu* na tradução brasileira. R. Garcia só verteu a primeira parte do termo, que encontrou em Batista Caetano. Entretanto, a etimologia é das mais transparentes: *kumã* — *pevide, semente e una, runa* — *prêto*. A forma extensa do adjetivo ainda se mantém no nome científico.

conronron-ouassou (fl. 185v)	— korōrō-gúasú	— grande roncador (9);
copouih-ouassou (fl. 222v)	— ?	— ? (10);
coras-ouassou (fl. 184)	— korá-gúasú	— o grande Nicolau (11);
cougnan-ouassou (fl. 365)	— kunhã-gúasú	— mulher grande;
coureman-ouassou (fl. 244v)	— kurimã-gúasú	— tainha grande (12);
iapyy-ouassou (fl. 67v)	— iapy-gúasú	— japiuaçu, japiaçu (13);
iasseutata-ouassou (fl. 318)	— iasy-tatá-gúasú	— estrêla d'alva (14);
ioura-euta-ouassou (fl. 188)	— iurá-ýtá-gúasú	— esteio grande de jirau (15);
maouary-ouassou (fl. 184)	— magûary-gúasú	— maguari (ardea cocoi) (16);

(9) A tradução brasileira transformou o termo em *conronron-açu*. É de origem onomatopáica.

(10) A descrição de Abbeville não corresponde ao *cupuaçu* sugerido por R. Garcia (p. 172).

(11) É um daqueles termos para cuja interpretação pouco valem os vocabulários tupis, guaranis ou mesmo portugueses. Por outro lado, admitir com R. Garcia que o nome português de elemento cultural tão exótico para os tupinambás como *curral* se popularizara no Maranhão em 1612 (!) já representa indefensável escorrêgo anacrônico, enquanto *guindar curral* a epíteto de um chefe tupinambá, naquela época, é simplesmente uma falta de respeito para com o leitor.

Colas é a forma familiar de *Nicolas*, muito difundida entre os franceses. *Colas-ouassou* foi certamente o nome dado no Maranhão francês a um dos chefes, quicá batizado. Os tupinambás pronunciariam *korá-gúasú*, como testemunha frei d'Abbeville, já que o tupi não tinha o fonema L. Aliás, o *Colas* maranhense não foi o único deste nome entre os tupinambás. *Nicolas Durand de Villegaignon* foi apelidado de *Paycolas* pelos tamolós, segundo Léry, cap. VI. Leia-se *pai-korá*; Léry troca diversas vezes o R tupi, sempre muito brando, por L inexistente. Ao lado do epíteto *Kolá-Gúasú*, dado pelos franceses, este tubixaba usava o nome indígena de *Magûari-Gúasú*.

(12) A etimologia dada por R. Garcia converte em certeza uma vaga hipótese de Batista Caetano (*Vocabulário*, p. 438); basta comparar *kyrybae* com *kurymä*, que al se querem sinônimos (p. 193).

(13) Abbeville dá três nomes conexos: *iapy*, *iapy-ouassou* e *iapyy* (ff. 67v, 183, 238 etc.). *Iapyy-ouassou* deve ser engano nas notas, que o próprio d'Abbeville parece ter reparado, quando diz à fl. 183: *iapyy-ouassou* ou *iapy-ouassou*. A tradução brasileira uniformizou todas as formas por *japi-açu*, sem o mínimo respeito ao original. Quanto à etimologia, de R. Garcia, nem l é demonstrativo, nem plé significa delgado, fino e o conjunto dos seus étimos aventados não caracteriza este pássaro.

(14) A tradução literal de *iasy-tatá* é fogo ou lume da lua e não lua cintilante, como diz R. Garcia. A tradução brasileira dá *jacei* por *iasy*. A etimologia mãe dos frutos (p. 246, n.º 3) é muito engenhosa e atraente, mas não passa, como também a lenda, de lucubração civilizada a posteriori. No mesmo caso está a etimologia de *kûarasy* — mãe deste dia, para o sol.

(15) A tradução brasileira (p. 150) traz jura por *iurá* — jirau, manteve, porém, a grafia *euta*, forma fonêmica francesa por *ýtá*. R. Garcia com o *vocabulário* de Batista Caetano não conseguiu identificar o termo. *Ytá*, com y (*euta*), não é pedra — itá, mas esteio, de onde: esteios grandes de jirau, como indica d'Abbeville (p. 15). A palavra *iurá* também tem o sentido de *palafita*, como se vê em d'Evreux, p. 28.

(16) A tradução brasileira (p. 142) tem estranhamente *maari-açu*. A forçada etimologia de Batista Caetano, citada por R. Garcia, p. 190, não se refere ao *maguari* (*Ardea*) de Abbeville. *Maguari* vem de *ma*, índice de classe inferior cor-

momboré-ouassou (fl. 149)	— momborer-usú	— certo índio velho (17);
ouara-ouassou (fl. 362)	— gūará-gūasú	— um peixe carangídeo (18);
ouarouma-ouassou (fl. 182)	— gūarumã-gūasú	— arumã-açu (19);
ouia-ouassou (fl. 248)	— gūaiá-gūasú	— guaiá-das-pedras, guajá, goiá (20);
ouroucourea-ouassou (fl. 233)	— urukú-reá-gūasú	— coruja-do-campo (21);
oury-ouassou-eupé (fl. 185)	— gūirí-gūasú-kûe pe	— certo pescueiro de bagres (22);
ouyra-essa-ouassou (fl. 184)	— gūyrá-esá-gūasú	— ave-ólho-grande (23);

respondente a mbaé — indivíduo, cousa, e guarí — tortuoso, recurvado, referindo-se ao aspecto costumeiro do comprido pescoco do maguari.

(17) Não se compreende bem como pôde R. Garcia dar o significado de momboré com a simples referência a biré (?) e boré — trombeta. Momboré é um verbal. Do verbo tupi mombora — atirar; lançar forma-se o derivado substantival de pretérito momborera — o que foi atirador. A julgar pelo nome do velho índio, o termo usava-se apocopado no dialeto tupinambá do Maranhão: momboré, cujo aumentativo foi, assim, momboré-gūasú — o que foi grande atirador. O aumentativo tupinambá diverge, assim, do tupi clássico, que é momborer-usú, por ser o positivo tupi momborera uma palavra paroxítona. Ambos obedecem às regras gerais.

(18) Felizmente o significado foi indicado por d'Abbeville, pois temos ainda outros guarás, um canídeo e uma ave, ibis rubra (p. 276). O gūará-gūasú é um xaréu.

(19) Na tradução brasileira se lê uarunã-açu, talvez por erro tipográfico. O português perfilhou, como em outros casos, a forma nheengatu arumã-açu ou arumã-açu. (p. 140).

(20) O nome tupi para o caranguejo que vive debaixo das pedras, no mar, é gūaiá. Ouia (= uia) que se lê em d'Abbeville deve ser erro de transcrição. Note-se que gūaiá não era o nome genérico dos caranguejos, como afirma Ihering — *Dicionário dos Animais*, p. 368, mas compreendia tão somente dos marítimos aqueles que vivem debaixo das pedras. Guajá-açu, como escreve R. Garcia, pode ser nheengatu, tupi é que não é. (p. 198).

(21) O nome é daqueles que lembram certas afinidades especiais do tupi-nambá maranhense com o guarani, cujos vocabulários também o registram, enquanto o Vlb. não o tem. A classificação de R. Garcia, p. 183, não coincide com a de Goeldi — *Aves do Brasil*, pp. 70-71, nem o nome é onomatopaico, como afirma R. Ihering, no seu *Dicionário dos Animais do Brasil*, p. 285. As grandes manchas transversais avermelhadas da plumagem deviam lembrar a tonalidade do urucu. O nome reá tem o sentido de campeão em alguns dialetos tupi-guaranis, conforme nos diz Montoya (*Tesoro*, fl. 338v).

(22) O texto francês traz eupé por cupe — acolá, em alguma parte, longe. Esta forma aparece também no guarani. Em tupi temos no seu lugar kûe pe. A tradução literal do termo é pois: em certo lugar de bagres, longe nos bagres. R. Garcia transforma o advérbio kupe na preposição supé — sobre, que aí seria um contra-senso e adultera úasú em asú. A tradução brasileira mantém o acento e o erro do original eupé por cupe, vocábulo que é átono; cupé vem com acento e do texto francês para indicar que não é mudo. (p. 144). O complexo é proparoxítono. O gūirí-gūasú devia ser uma espécie de bagre avantajado. Marcgrave menciona diversas delas. A. Vasconcelos afirma que, entre os brasil-índios, guri designa os peixes de pele. Nos velhos compêndios fupis nada consta a favor de tal suposição. — Gabriel Soares, parte II, cap. 132, tem curi por guri.

(23) Aqui d'Abbeville equivocou-se, ainda que o composto tenha duplo sentido. Se o considerarmos justaposição, devemos traduzi-lo por ave-ólho-grande. É o sentido mais plausível desse apelido de tubixaba, embora não tenhamos notícia de qualquer representante do mundo alado com o nome de ólho-grande. De acôrdo com a lição de Anchieta, *Arte*, fl. 9, gūyrá-esá-gūasú também é forma admissível por gūyrá-resá-gūasú, tendo ambas o sentido de grande ólho de ave. Note-se que nas construções por meio do genitivo os complexos sempre se traduzem de trás para frente. De forma alguma significam ólho de ave grande, que em tupi é gūyrá-gūasú-resá. Neste escorrêgo tão claro esperamos debalde qualquer restrição

ouyra-ouassou (fl. 232)	— gûyrá-gûasú	— ave de rapina, uraçu, har- pia (24);
ouyra-ouassou-on (fl. 232v)	— gûyrá-gûasú-una	— gavião prêto (25);
ouyra-ouassou-pinim (fl. 182v)	— gûyrá-gûasú-pinima	— gavião malhado (26);
ouyra-ouassou-pouytan (fl. 232v)	— gûyrá-gûasú-pitanga	— gavião pardo (27);
pyiave-ouassou (fl. 247v)	— piab-usú	— piaba grande (28);
sou-ouassou-ac (ff. 140 e 143)	— sy-gûasú-aka	— um veado (29);
taia-ouassou (fl. 229v)	— taiá-gûasú	— taiá grande (30);
tata-ouassou (fl. 183v)	— tatá-gûasú	— fogueira (31);
tata-ouyra-ouassou (fl. 239)	— tatá-gûyrá-gûasú	— ave grande de fogo, gavião de fogo (32);
tatou-ouassou (fl. 184)	— tatú-gûasú	— tatu grande;

de R. Garcia, e, o tradutor, que substituiu erradamente *ûasú* por *asú*, naturalmente não estava em condições de contestar o erro do original, que o mestre deixou passar. (p. 142).

(24) Por que escreve R. Garcia *açu*, que não ocorre no texto e que o tupi não admite? E, por que *pássaro*, que não é, por *ave*? Na tradução brasileira, p. 182, na terceira linha de baixo, lê-se *pernas vermelhas* em vez de *penas vermelhas*. *Gûyrá-gûasú* é a designação tupi das grandes aves de rapina em geral.

(25) A nossa tradução é apenas literal. Na tradução brasileira aparece *açu* por *guaçu*, única forma admissível após vogal acentuada.

(26) Ainda tradução literal nossa. A nossa 13 da tradução brasileira, p. 140, tem os erros habituais de R. Garcia: *pássaro* por *ave* e *açu* por *guaçu*.

(27) Tradução literal. *Pitanga* não é *vermelho*, como afirma R. Garcia, mas *avermelhado, castanho, pardo, moreno*; nem *grande* é *açu*, neste caso. (p. 182). O tradutor brasileiro, ignorando que d'Abbeville representa por *vêzes* o *y* tupi por *ouy*, também grafa *pitã*, por *pytã*. Os jesuítas não admitem *pytanga* como d'Abbeville, mas *pitanga*.

(28) *Piaba*, ou *pylaue*, como grafa d'Abbeville, é palavra paroxítona e como tal só admite *usú*. A forma *ouassou*, que aparece no original, deve ser erro de cópia. A tradução brasileira mantém aqui a grafia do original, mas *piaba-açu*, como escreve R. Garcia, nunca foi tupi; os nossos pescadores ainda hoje pronunciam corretamente *piab-usú*. (p. 197).

(29) Aqui aparece a forma mul aconchegada à tupi: *sy-gûasú > sú-gûasú*; mas, como todas as outras designações superlativas de veados apresentem aqui a forma *asú*, voltamos a este verbete abaixo, na nota 49, no parágrafo das formas em *asú*.

(30) É a raiz de uma variedade grande de *taioaba*. A forma *taioaba*, que passou para o português do Brasil, corresponde ao tupi *taia-oba* — *fôlha de taiá*. O aumentativo de *taia-oba* é *taia-ob-usú* — *taioaba grande*. E este composto que R. Garcia escolheu para mostrar como eram precários os seus conhecimentos de tupi. Começa por confundir *taia-gûasú* com *taia-ob-usú*. *Taiá*, sendo palavra oxítona, só admite *gûasú* e a paroxítona *taia-oba* exige *usú*. Daí *taia-gûasú* — *taia grande* e *taia-ob-usú* — *taioaba grande*. *Taiabuçu* é, pois, invenção infeliz de R. Garcia; nunca foi tupi, porque a forma *buçu* para *grande*, da qual precisa para a sua etimologia, nunca existiu (p. 179).

(31) O sentido literal é *grande fogo*, que vem no texto. Na tradução brasileira vem *tatu* em lugar de *tatá* (p. 141).

(32) R. Garcia sempre escreve *guirá* por *gûyrá*. Já os jesuítas adotaram, no correr do século 17, o *y* na representação do *i* gutural tupi. R. Garcia também não se acostumou a distinguir o *u* semivogal do *u* mudo; *gûyrá* fôra mais indicado na sua grafia. E, por que muda o certo *guaçu* no inadmissível *açu*? A nossa tradução portuguesa é aqui apenas literal. (p. 188).

teiou-ouassou (fl. 248v)	— teiú-gŭasú	— teiu-açu (33);
tinmoucou-ouassou (fl. 246)	— tĩ-mukú-gŭasú	— agulhão (um peixe) (34);
touboma-ouassou (fl. 188v)	— tukumã-gŭasú	— tucumã-guaçu (35);
unaũ-ouassou (fl. 252)	— ynay-gŭasú	— preguiça (zoo.) (36);
vua-ouassou-ran (fl. 222v)	— ybã-gŭasú-rana	— falsa fruta grande (37);

(33) A tradução brasileira traz *teju* por *teiu*, mas deixa *uaçu*. A representação fonêmica exata do original é prática indispensável em traduções que se queiram impor. Não se compreende por que os nossos etimologistas ainda não deram pelo absurdo do sentido que Batista Caetano confere a *teiú*: comida da tropa, da gentilha, como se a organização social dos tupi-guaranis se assemelhasse à dos baronatos feudais. (p. 198).

(34) Pelo menos desta vez R. Garcia tem opinião própria, mas, não tendo plena certeza, ainda transcreve o impagável *timucu* de Batista Caetano, que não se atreveu a corrigir. A grafia de Abbeville mostra suficientemente que o *i* de *tin* é nasal; *tin* corresponde ao nosso *tĩ*. É esse caráter nasal que, pelas exigências taxativas da eufonia tupi, transforma por abrandamento o adjetivo *pukú* — longo, comprido, alto, em *mukú*. (Compare *kunhã mukú* — mulher crescida, feita, núbil). O guarani preferiria a forma *timbukú* à tupi *timukú*. Batista Caetano cita em seu lugar *timucú* (Vocabulário, p. 520, verbete *tinguaçu*). Se ele viu o vocábulo com *c* cedilhado (*c*) em algum texto fidedigno, trata-se de um erro de impressão por *timucú* (*timucú*) e não de uma variante impossível de *tĩ-gŭasú*. Batista Caetano, neste caso, só não deu pelo engano, porque nunca compreendeu o emprêgo fixo de *usú* e *gŭasú*, como se vê claramente nesses verbetes do seu vocabulário. *Tĩ*, por ser monossílabo tônico terminado em vogal, só aceita *gŭasú*. As variantes de *usú* por ele citadas (Vocab. p. 552): *bucú*, *muçú*, *nducú*, *nguçu*, *ruçu*, simplesmente não existem, nem mesmo no guarani, porque todas as iniciais que nelas aparecem são efetivamente desinências da parte antecedente da palavra composta, como deixamos provado em seu lugar. (Veja a nota 1 do primeiro capítulo). Tais lacunas surpreendentes em Batista Caetano têm, como outras, a sua principal origem no desprezo doentio que votava ao tupi, só porque inúmeras vezes não coincidia exatamente com o guarani, como se em glotologia se pudesse desprezar qualquer fato inesperado sem prejuízo eventual das conclusões. E... os seus discípulos incautos e submissos vão sofrendo as conseqüências e propagando algumas afirmações insustentáveis. (p. 195).

(35) É o nome de uma palmeira e do seu fruto. No texto francês houve a troca do *c* por um *b*. Na tradução brasileira vem *tubomã-açu* e na nota 16 *oussou* por *ouassou*. É um dos verbetes mais maltratados. R. Garcia resgata esses deslizos pela feliz reconstituição do termo. É pena que a sua incumbência de contribuir com as etimologias o levassem novamente a dar como indiscutível uma vaga hipótese de Batista Caetano, que fere frontalmente a lição do Vlb. no verbete *palma*, p. 150. Veja a nota 18, no capítulo dedicado a Thevet.

(36) A preguiça aparece na nomenclatura zoológica com dois nomes. Os jesuítas do Brasil, Thevet, Léry e Gabriel Soares de Sousa dão-lhe o nome de *ay*. Abbeville e atrás dele Marcgrave, Laet e Barleu afirmam que os tupinambás do Maranhão a denominavam *unaũ*. Ora, d'Abbeville representava os fonemas à francesa e, assim, *unaũ* corresponde em nossa grafia tupi a *ynay*. Na literatura científica *unau* ficou restrito à preguiça de dois dedos, embora na descrição de Abbeville ela tenha três. É lastimável que na tradução brasileira não tenham aportuguesado a grafia fonêmica francesa *unau* para *ynay* e que tenham, entretanto, substituído *uaçu* por *açu*, (p. 201).

(37) Em tupi, *ybã-gŭasú* é *fruta grande*. D'Abbeville não se refere a nenhuma fruta com este nome. Entretanto, a sua existência não pode ser posta em dúvida diante de *ybã-gŭasú-rana* — *fruta parecida com a «fruta grande»* por ele citada e que pressupõe outra, que lhe serviu à comparação. O Vlb. registra *ybã-gŭasú* com a acepção de cidra, que é exótica na América. *Ybã-gŭasú-rana* seria, assim, literalmente uma fruta parecida com a cidra, entre os tupis. Porém, no Maranhão, *ybã-gŭasú* (*yvã-ŭasú*) designava o côco da Índia. Encontramos-lhe a definição no Dpb. e na Poranduba Maranhense na forma de *ybã-baçu*, que deu origem à palavra *babaçu* (*yvã-ŭasú* > *ybã-basú* > *ba-basú*). O sentido etimológico de *babaçu* é, portanto, *fruta grande* (p. 172). O termo maranhense *ybã-gŭasú-rana* é literalmente o falso côco (da Índia), o côco semelhante ao da Índia.

A forma "usú" em d'Abbeville

iereuu-ousou (fl. 182v)	— iereb-usú	— jereba (um urubu) (38);
ouyrapar-oussou (fl. 188v)	— urapar-usú	— o arco grande (39);
ouyrayue-oussou (fl. 187)	— gûyrá-iuk-usú	— grande ave velha (40);
quattiare-oussou (fl. 184v)	— kûatiar-usú	— letra grande (41);
taper-oussou (fl. 184v)	— taper-usú	— tapera grande;

(38) O tradutor brasileiro escreveu jere-uçu, assassinando a forma original. Se entendesse um pouco de tupi, saberia que usú exige a precedência de consoante ou semivogal, mesmo nos dialetos tupinambás. Porém, independente disso, não se compreende o corte das duas letras finais da primeira parte do composto. Quanto à etimologia, R. Garcia lançou mão do sufixo *bae*, porque não sabia que os verbos intransitivos funcionam também como adjetivos e nem mesmo conhecia o verbo tupi *jereba* — girar, voltejar (p. 140), que, na qualidade de adjetivo, significa voltejante, de onde o sentido substantival o voltejante.

(39) *Ouyrapar* corresponde à forma guarani *gûyrápá*. No tupi temos *urapara* e mesmo os tupinambás da Guanabara dizem *orapá*. Léry escreve *orapat*, mas Thevet indica a pronúncia grafando *orapa*. Todas estas formas são modificações do primitivo termo *ybyrá-apara* — pau encurvado, segundo o Vlb. A tradução brasileira é fiel na transcrição adaptada do original, mas ninguém compreenderá a intenção de R. Garcia ao consignar *guarapar*, que não é, nem tupi, nem tupinambá (p. 150).

(40) Dos numerosos desacertos contidos nas notas de R. Garcia, nenhum parentela melhor as graves falhas dos seus conhecimentos tupis do que a temerária restauração do termo *ouyrayue-oussou*, com a qual procura dar um quinau ao grande cronista que, aliás, fornece a tradução feita por quem sabia: grande ave velha. Em primeiro lugar, R. Garcia, que tanto maneja os termos tupis do capuchinho francês, já devia estar convencido da sua escrupulosa redação, pois raras são as inexactidões e não passam de trocas, omissões, ou enxertos de letras na composição. Algumas vezes deixa de dar a tradução, mas quando a cita, não a falsifica. R. Garcia, pois, ao afirmar que d'Abbeville traduziu *ave velha* em vez de *ave amarela*, faz-lhe grave injustiça. Isto pôsto analisemos a restauração *guira-ju-ucu* aventada por R. Garcia. *Amarelo* em tupi é *iuba* que se apocopa em *iub* quando lhe segue uma palavra começada por vogal. Mesmo a forma guarani, que é *iu*, retoma em tais casos o *b* arcaico, embora ali não apareça no vocábulo isolado. Tanto no tupi como no guarani antigos, *ave amarela grande* é, pois, *gûyrá-iub-usú*, de conformidade com a nossa demonstração nos comentários a *ugar-atar-usú* no cap. V. parte III. do nosso livro *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*. A forma *iu-usú* nunca existiu e não aparece no livro de frei d'Abbeville. Como vimos, o que nele se lê é *yue-oussou*. Ora, quem tiver a mais leve tintura da lingüística tupi-guarani, sabe que *yue* exigiria *gûasú*, tanto no tupi como no guarani e que *usú* não é admissível, senão após uma consoante ou semivogal. O *e* de *yue* deve assim ocupar o lugar de um desses fonemas, ou então *usú* foi empregado erroneamente por *gûasú*. Examinemos a primeira hipótese, por ser mais plausível. A letra mais parecida com *e* sendo *c*, é natural que atentemos primeiro à possibilidade da sua troca. Efetivamente, *lyka*, ou seja *yuc* na grafia de Abbeville, é propriamente *rijo*, *fibroso* por *velho*, em tupi. No guarani *tyg* tem as mesmas acepções. Com todo o respeito devido à tradução fornecida por d'Abbeville podemos pois afirmar, que a grafia original deve ter sido *ouyra-yuc-oussou* — grande ave rija, fibrosa ou dura de velha. Também aqui R. Garcia escreve *guirá* por *gûyrá* e *pássaro* por *ave* (p. 147).

(41) Os significados que se dão ao termo *kûatiara* no Vlb. são: pintar, escrever; o pintar, o escrever, traduzindo a ação, mas não o resultado, que ali vem designado pelo particípio *mkûatiara* e *i kûatiarépyra* — o pintado, o escrito, a letra, a carta etc. Entretanto, já no Auto de São Lourenço, verso 761, temos *kûatiara* também com o sentido de pintado e Montoya emprega o mesmo infinitivo também em todos os casos para os quais o Vlb. prescreve o particípio passivo: *debuxo*, *escritura*, *pintura*, *carta*, *letra* e até para papel. Foi, portanto, extensa a evolução semântica do termo. Escrevendo *kûatiar* — letra etc. e *kûatiara-usú*, R. Garcia troca as bolas. Em tupi é *kûatiara* e *kûatiar-usú*.

tapyr-oussou (fl. 208v)	— tapiir-usú	— anta, tapir (42);
tokay-oussou (fl. 185)	— tokai-usú	— choça grande (43);
tupoy-oussou (fl. 184v)	— typoi-usú	— tipoia ou charpa grande (44);
yenday-oussou (fl. 233v)	— iandai-usú	— jandaia grande (45);

A forma "asú" em d'Abbeville

sou-assou (fl. 249)	— sy-gúasú	— veado (46);
------------------------	------------	---------------

(42) A anta era designada, tanto por *tapiira*, como por *tapiir-usú*. Abbeville escreve *tapyr* e à fl. 184 *tapyre*. *Tapy-toussou*, que se lê no fim do cap. 24, é erro por *tapyr-oussou* e não uma variante como quer R. Garcia. (pp. 162, 142 e 118).

(43) A tradução brasileira prefere o errado ao certo, trazendo *acu* por *ucu*; mas isto pouco representa diante da incrível afirmativa do nosso tupinista. Diz ele, à p. 144, nota 58: «É palavra mal grafada; à p. 226 (da tradução brasileira) está com a mesma significação, *ouyraro kay*, de que *tokay* é simples alteração das duas últimas sílabas». Nenhum dos pretensos conhecedores do tupi antigo da segunda metade do século passado e das primeiras décadas do atual compreendeu a função dos índices de classe. A razão é muito simples. No guarani o alcance desses índices já não parece ter sido muito transparente, quando Montoya elaborou os seus compêndios. Não chegou porisso a compreendê-lo, pois tão só com acurados estudos comparativos do guarani com o tupi, que é mais arcaico, chegaria à solucionar o problema. Batista Caetano, o maior conhecedor do guarani antigo entre nós, estaria em condições de preencher, essa lacuna dos autores guaranis, se desse às gramáticas de Anchieta e de Figueira o valor que elas têm. Infelizmente, o seu desrezo incontinido pelos nossos frustrou-lhe parte importante do seu admirável esforço. E, como a maioria dos aludidos estudiosos do tupi entre nós costumava ler pela cartilha guarani de Batista Caetano, principalmente R. Garcia, o capítulo dos índices de classe *t* e *s* com as suas mudanças permaneceu para eles um enigma indecifrável. Nem aqui poderemos explicar todo o mecanismo da sua função. Atenhamo-nos, pois, ao que respeita a palavra *tokata*, que significa choça (de gente), pois o *t* inicial móvel é o índice de classe superior (gente, entes mitológicos etc.). *Sokata* seria a choça, o abrigo de entes inferiores, animais; porém, como a forma *sokata* não removeria todas as dúvidas, porque a mesma forma coincide na terceira pessoa com a da classe superior, costuma-se apor a qualquer abrigo de animal o competente adjunto adnominal, que, por sua vez, exige a substituição do índice de classe pelo índice relativo, que é *r*. Temos assim:

<i>guyrá-rokaia</i>	— abrigo de ave, galinheiro;
<i>talasú-rok</i>	— pocilga;
<i>tapii-roka</i>	— curral.

Tokai-usú, no fim do cap. 32 é muito correto; entretanto o seu sentido é propriamente choça grande. Galinheiro vem no fim do cap. 47 (p. 226) — *ouyra-rokay*; mas aí, por algum lapso, a primeira sílaba *ro* da segunda parte passou a primeira em *ouyraro-kay* por *ouyra-rokay*. — Os abrigos de espera dos caçadores também eram chamados *tokata* e daí vem a aceção de *tokata* em português. Mas a etimologia de R. Garcia: *oká-i* — casa pequena já mostra na acentuação a sua inadmissibilidade (p. 226).

(44) O significado de *typoia* difere do tupi para o guarani. Para Cardim (p. 170) serve igualmente para carregar crianças. O Vlb. não o registra, mas tem *typoirana* para rede tapada, ou seja de tela, embora Gabriel Soares diga que os tupinambás da Bahia não sabiam tecer. Entre os carilós, *typoi* era uma espécie de bata sem mangas, no dizer de Staden (p. II, cap. II). Montoya escreve *tupoi*, traduzindo-o por vestido de mulher. O tradutor alterou o texto e maltratou o tupi, escrevendo *tipói-acu* e o mesmo faz R. Garcia com o seu *tinola-ucu*. A etimologia de Batista Caetano carece de achegas similares (p. 143). Como vemos, *typoia* não é neologismo, como pensam alguns.

(45) O tradutor erra substituindo *usú* por *asú* e R. Garcia, sugerindo qualquer das duas formas, faz uma concessão inadmissível. Transcreve também uma

sou-assou-apar (fl. 249)	-- sy-gúasú-apara	-- veado galheiro (46);
sou-assou-aran (fl. 251v)	-- sy-gúasú-arana	-- onça parda, puma (47);
sou-assou-caë (fl. 186v)	-- sy-gúasú-kaë	-- veado moqueado (48);
sou-assou-ac (ff. 140 e 143)	-- sy-gúasú-aka	-- um veado (49);
tay-assou (ff. 184 e 249)	-- tai-asú	-- porco-do-mato, caitetu (50);
tay-assou-eté (fl. 249v)	-- tai-asú-eté	-- porco-do-mato maior, quei- xada (51);
tingassou (fl. 317)	-- tingasú (?)	-- uma estrêla (52);

daquelas etimologias em que Batista Caetano violenta a composição vocabular para amparar uma acepção questionável (p. 183).

(46) Leia o nosso extenso comentário a *se-ouassou*, no capítulo referente a Léry, nota 17. A etimologia dada por R. Garcia é de Batista Caetano (verbe *guaçú*), mas nem por isso menos cambaleante, como é fácil julgar à vista da forma tupi primitiva. (p. 199).

(47) As duas formas dadas em nota por R. Garcia são as introduzidas no português: *suaçurana* e *sucuarana* (p. 201). O último termo *arana* é composto de *aba + rana* — de pélo parecido a. Parece denominação muito truncada, pois falta-lhe a parte específica.

(48) A fl. 187, Abbeville repete o termo e ali grafia *so-ouassou-caë*, aproximando-se mais da forma do Vlb. e de Léry quanto ao adjetivo. No manuscrito original devia-se ler *sou* em lugar de *so*. Veja o nosso comentário a *se-ouassou*, no capítulo que trata dos compostos com *ouassou*, em Léry. Ali mesmo se refere também a etimologia de R. Garcia. Não há justificativa para a grafia *caë* por *caë* na tradução brasileira.

(49) Abbeville não identifica a espécie de veados a que davam este nome, suscitando certa dúvida quanto ao verdadeiro significado. Morficamente *sou-ouassou-ac* é uma variante tupinambá, que se aproxima, como a de Léry, ao tupi clássico. O seu conjunto mostra que a forma *asú* do adjetivo estava longe de predominar nos designativos para veado. A p. 109, a grafia da tradução brasileira modificou o vocábulo original. A p. 111, R. Garcia põe em dúvida o sentido que lhe dá d'Abbeville. *Sy-gúasú-aka* significa de fato galho de veado; mas, que nos impede vermos no termo uma justaposição de nomes? Nesse caso traduziríamos *su-gúasú-ak* (= *sy-gúasú-aka*) por *veado-chifre*, *veado galho*, ou antes *veado galheiro*, como *pirá-aka* é o *peixe-chifre*, em tupi, por causa do grande espinho ereto na cabeça. Em português chamamó-lo com menor acerto de *peixe-porco*, mas usando idêntico processo léxico.

(50) A etimologia correta é: *tãia* — dente e *usú* — grande, alterado muito cedo em *tai-asú*, já que aparece a mesma forma em dialetos guaranis. Veja a nota 20 ao mesmo termo, no capítulo dedicado aos aumentativos em João Staden.

(51) Veja a nota anterior. (p. 199).

(52) No livro de Abbeville *tingassou* é apenas a estrêla precursora das pléiades. Mas em certas regiões do Brasil *tingaçu* é sinônimo de *alma-de-gato*, ave tão útil quanto interessante, também chamada *tinguaçu*. Tratar-se-á de duas formas da mesma palavra? R. Garcia, que pouco sabia da gramática tupi, não teve disso a menor dúvida. Para ele (p. 247) *tĩ* — bico (ele escreve *ti*) transforma-se em *ting* com a maior simplicidade e, portanto, *tingaçu* se traduz por *bico grande*. Entretanto, no tupi como no guarani, a *bico grande* só corresponde *tĩ-gúasú*. A sua aplicação ao *alma-de-gato* tropeça, porém, numa dificuldade: não é portador de um bico impressionante pelo tamanho, principalmente se o compararmos com o dos tucanos, dos araçaris, dos papagaios e mesmo de certos gaviões. Como nome da estrêla precursora do sete-estrelô, *tĩ-gúasú* — *bico grande* é admissível, mas então em d'Abbeville, ou está mal impresso, *tingassou* por *tin-ouassou*, (compare acima *tin-mocou-ouassou*) ou se trata de um termo de modificação antiga, talvez por assimilação ao nome de uma *galvota* — *atingasú* (*larus atricilla*), de *a* — *cabeça*, *tinga* — *branco* e *usú*, modificado para *asú*, — *grande*. (Veja Goeldi — *Album*, I. 6). Mas, por que *tingassou* de Abbeville não seria simplesmente aférese de *atingasú*, o nome tupi para *galvota*? Frisemos aqui mais uma vez que: *atingasú*, *tingasú*, *taiasú* e *sãiasú*, (= *sanhaçu*, *sanhaço*) são as únicas palavras em *asú*, que, até hoje, respigamos no tupi clássico. (p. 247).

VIII

“GŪASŪ” E “USŪ” EM
 “VOYAGE DANS LE NORD DU BRÉSIL”
 DE FREI IVO D'ÉVREUX

Encontramos escassa dúzia de aumentativos no livro *Viagem no Norte do Brasil*, de frei Ivo d'Évreux, dos quais apenas um em *usú* contra onze em *úasú*.

Dois dêles merecem reparo preliminar: *ugar-ouassou* e *vuac-ouassou*. No primeiro, estranhamente, num termo tão corriqueiro, *ouassou* (= *gūasú*) está mal empregado por *oussou* (= *usú*). No segundo é muito provável haja ocorrido um erro de cópia ou de impressão na primeira parte do composto. Teríamos assim uma única transgressão das regras que regem a formação dos superlativos tupinambás empregados por frei Ivo.

Em geral e resumindo, o que sobra neste capuchinho à ingenuidade falta-lhe ao lingüista e observador. Deve ter sido um missionário eficiente, mas como etnógrafo e lingüista, cujas luzes aqui procuramos antes do mais, não chega aos pés de frei Cláudio, ainda que as listas de vocábulos tupinambás e os textos sejam achegas muito valiosas. É por isso que, ao vermos frei Ivo encomiar com certo orgulho a sua experiência de dois anos no Maranhão, quando frei Cláudio não demorou mais do que poucos quatro meses (2), exclamamos involuntariamente: “Maravilhosos quatro meses de frei Cláudio”!

“Usú” em Ivo d'Évreux

Grafia de frei d'Évreux	Forma tupi em nossa grafia fonêmica	Tradução portuguêsa
taper-oussou (pp. 293/94)	taper-usú	— a grande tapera, a grande aldeia abandonada (3);

(1) *Voyage dans le Nord du Brésil*; publié par Ferdinand Denis; Paris, 1864. As páginas indicadas são as desta edição. Há uma tradução brasileira comentada, de César Augusto Marques; Maranhão, 1874, reimpressa no Rio de Janeiro, em 1929, com o título «Viagem ao Norte do Brasil».

(2) *Ibidem*; p. 7.

(3) É o único termo em *usú* consignado no livro de frei Ivo, às pp. 293/94. Se a memória não o traisse, teríamos mais dois: *vuac-oussou* (*ybak-usú*) e *ugar-oussou* (*ygar-usú*), aos quais nos referimos acima. Quanto à tradução, o capuchinho enganou-se redondamente ao dizer que *taper-usú* significa aldeia de animais grandes. Naturalmente teve em mente a nossa anta, o tapir, que em tupi se chama *tapiira*, ou *tapiir-usú*, mas que d'Abbeville grafava *tapyr-oussou*. Ivo d'Évreux baralhou, pois, *tapyr-oussou* com *taper-oussou* e daí a sua definição de «aldeia de animais grandes» ou, mais propriamente, das antas, sem se dar conta de que em *tapiir-usú* falta o conceito de aldeia. Este e outros exemplos mostram que, em fatos lingüísticos, frei d'Évreux, a despeito da sua permanência mais longa entre os índios, é menos fidedigno do que frei d'Abbeville, que distingue perfeitamente *tapyr-oussou* de *taper-oussou*, dando ao último o significado mul correto de grande aldeia velha. (fl. 184v).

"Gúasú" em Ivo d'Évreux

giropary-ouassou (p. 14)	— iuruparí-gúasú	— demônio grande (3A);
iapy-ouassou (p. 32)	— iapy-gúasú	— japiaçu (4);
kounoumy-ouassou (p. 81)	— kunumí-gúasú	— môço (5);
ouira-ouassou (p. 203)	— gúyrá-gúasú	— uraçu, ave de rapina em geral (6);
pay-ouassou (p. 31)	— paí-gúasú	— grande venerável, feiticeiro-mor (7);
pagy-ouassou (p. 31)	— paíé-gúasú	— grande feiticeiro (8);
tatou-ouassou (p. 262)	— tatú-gúasú	— tatu-açu, tatu-canastra (9);
thuye-ouassou (p. 116)	— tygé-gúasú	— bucho, barriga (10);
tovape-ouassou (p. 115)	— tetobapé-gúasú	— bochechudo (11);

(3A) Abbeville escreve *ieropary*; os jesuitas *iuruparí*. — Repetidamente se nota em Irel d'Évreux a tendência de consonantizar o *i* semivogal de outros autores. Isto é tão mais surpreendente, quando o Vpb. ainda cem anos mais tarde anota na mesma região, que os tupinambás raras vezes usam o *j*, que só ocorre ocasionalmente, quando lhe segue *u*. (Ver o verbete *feiticeiro*). Pelo que se deduz de certas lendas amazônicas, *iuruparí* foi inicialmente um herói cultural. As medidas drásticas por ele postas em prática, principalmente contra as mulheres, conferiram-lhe características de gênio malfazejo nas áreas em que penetrou por processos de aculturação. Entre os tupis do Norte foi até promovido a *satanás*. Mais ao sul, entre o Maranhão e o Prata, o conceito de chefe dos demônios foi conferido a outro ente mitológico, ao *anhanga*, nome que no guarani se apocopa em *anhã*. Entre os tupis orientais *iuruparí* foi apenas um espírito maléfico de segunda ordem. Aos guaranis e tribos afins era desconhecido. Comparando essa crescente ausência em direção ao sul com as ruidosas cerimônias peculiares ainda em voga no século atual, sobretudo na região do Uaupés, colhe-se a impressão de ser *iuruparí* um intruso na mitologia tupi e de ter ele vindo das bandas de além-Amazonas. Em dialetos da família cariba encontramos, por exemplo, *loroku*, *lúluka* com o sentido de espírito mau e deus. Em dialetos aruacas há uma cobra mítica chamada *urupiru*. Temos aí, no mínimo, indícios veementes da primeira parte do nome *iuruparí*, mesmo sem tomarmos em consideração que os fonemas *i* e *r* são afins e que nas línguas indígenas sul-americanas a permuta entre *k* e *p* é muito comum. É, pois, infantil o tentame de Batista Caetano e seguidores de explicarem, com raízes tupis, termos como: *iuru*, *iulu*, *uru* difundidos em línguas muito diversas faladas entre as Antilhas e o Amazonas, principalmente quando as tais etimologias, como no caso presente, em nada correspondem às funções primordiais do ente mítico designado. (Consulte, entre outros, C. H. Goeje — *The Arawak Language of Guiana*; pp. 198-201, § 166 e 220, n.º 45).

(4) Nome de um tubixaba tupinambá, citado em muitos trechos: pp. 82, 140, 290, 291, 332, 340, 352. — Veja a nota 13 no capítulo referente aos aumentativos em d'Abbeville.

(5) *Kunumí*, com *n*, é a forma preferida no tupi.

(6) *Gúyrá-gúasú* é o genérico das aves de rapina. Aliás, como já observamos, os genéricos são raros no tupi.

(7) *Paí* é termo de reverência, que passou aos padres, geralmente combinado com *abaré*: *paí abaré*. De *paí* vem *paíé* — *pajé*. *Paí* não é lusismo, como pensam alguns.

(8) Irel d'Évreux escreve *pagi* e *pagy*; o seu companheiro d'Abbeville *pagé*. Entretanto, no tupi clássico se dizia *paíé*, como ainda hoje no nheengatu. Veja a respeito do fonema *j* no tupi e no tupinambá o que dissemos em *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*, pp. 100-103, no parágrafo referente a esse fonema, no capítulo: *Em Linguística, tupinambá não é sinônimo de tupi*. — Em Évreux ocorre sobretudo às pp. 32, 104, 289, 300, 306 etc.

(9) *Tatu grande* era o epíteto que os índios haviam conferido a um gentil-homem francês, que de alguma forma o devia merecer. Em tôrno de *tatu* Batista Caetano lembrou algumas achegas etimológicas, que R. Garcia em suas notas a d'Abbeville não teve dúvida em promover a sentença definitiva, dispensando a indicação da fonte.

(10) Évreux registra aqui, como em alguns outros casos, uma forma que se aproxima da guarani *tyé*, intercalando apenas a semivogal *y* (= *i*).

(11) O Vlb. dá *tobapé* com acepção de face ou rosto e *tetobapé* para *bochecha*, de onde *tetobapé-gúasú* — *bochecha grande* e *bochechudo*. Em *tovapé-ouassou* teríamos assim, se não houve lapso, um caso de aférese.

ugar-ouassou (p. 218)	— ygar-usú	— canoa grande, navio (12);
vuac-ouassou (p. 28)	— ybak-usú	— céu grande (13);

I X

“GŪASŪ” E SUAS VARIAÇÕES “USŪ” E “AÇŪ” NA “HISTÓRIA NATURAL DO BRASIL” DE PISO E MARCGRAVE (1)

O livro de Piso e Marcgrave é particularmente valioso para o nosso estudo, por trazer os nomes indígenas de muitas espécies animais e vegetais. São geralmente de origem tupi, hauridos de ensinamentos diretos ou de inspiração jesuíta, mas algumas vezes também aponta sinônimos regionais, tupinambás ou potiguaras, quando diferem dos compêndios tupis ou dêles não constam. Com estas minudências fornece-nos a prova de que, tanto *tupinambá* como *potiguará*, de maneira alguma eram considerados sinônimos incondicionais de *tupi*, pois *brasilico*, a denominação equivalente na época, sempre teve acepção genérica e aquêles específica, por freqüente tenha sido a identidade das suas formas. Já tomamos posição contra tal inovação indefensável em estudo pormenorizadamente documentado (2).

Utilizamos para as nossas indagações, tanto a edição original de 1648, quanto as traduções comentadas, feitas pelo Museu Paulista. Indicamos em cada verbete, pela inicial do autor, o tratado em que ocorre e a seguir o número da respectiva página nas edições paulistas. Na tradução de Marcgrave, por singular esmêro, a paginação corresponde exatamente à da edição latina de 1648, mas na de Piso essa correlação tão cômoda foi descurada.

Quanto à transcrição dos termos tupis, no que diz respeito à formação dos aumentativos, podemos classificá-la de cuidadosa, se fizermos abstração da ausência de acentos, da cedilha, da configuração do *i* gutural e nasal, segundo a praxe deformadora dos autores latinizantes.

(12) Na exclamação em que ocorre a palavra tupi para *navio*, a memória deve ter traído o pe. Ivo, ou então houve erro de impressão. *Ygar-usú* é a única forma admissível.

(13) O vocábulo ocorre também na forma positiva a pp. 272, 274 e 275. Embora *Ceu grande* seja epíteto algo estranho, e que *ybaka* (*vuac = uvac*) não admita a forma *gŭasŭ*, (*ouassou*) para *grande*, a tradução mais admissível é a que damos. — Há, entretanto, a possibilidade de *vuac* aparecer ali por *vua* (= *uva = ybá*) — *fruta*. *Ybá-gŭasŭ*, ou seja *vua-ouassou* na grafia de frei d'Evreux, designava o côco no dialeto tupinambá do Maranhão. Com *vua* (= *ybá*) a forma *ouassou* (= *gŭasŭ*) estaria plenamente justificada e coqueiro é de fato um nome à altura de um grande chefe e corresponde à praxe tupi. Compare a nota 37, no capítulo relativo a *gŭasŭ* em d' Abbeville.

(1) *Historia Naturalis Brasiliae*; Leida e Amsterdão, 1648. A obra foi traduzida e largamente comentada a instâncias do Museu Paulista: Jorge Marcgrave — *História Natural do Brasil*; S. Paulo, 1942. Guilherme Piso — *História Natural do Brasil Ilustrada*; Companhia Editora Nacional, s.l. — 1948.

(2) Intitulado: «Em Linguística, tupinambá não é sinônimo de tupi». É o capítulo I. da Parte II, do nosso livro *Estudos Tupis e Tupi-Guaranis*; Livraria Brasileira Editora, Rio de Janeiro, 1969.

As duas únicas transgressões das rígidas normas tupis no emprêgo de *gúasú/usú* encontramos nos termos *cebipira-guacu* e *aguaracuinha-acu*. Ambas ficam a débito de Piso, que, ainda mesmo na segunda edição da obra, entregue aos seus cuidados pessoais, esbarra também, quanto a outros aspectos em restrições dos entendidos, dentre os quais não poucos dão preferência à redação inicial baseada por Laet quase exclusivamente na deixo de Marcgrave, falecido na África, em 1644 (3).

A forma "gúasú" em Piso e Marcgrave

Grafia de Piso e Marcgrave	Forma tupi em nossa grafia fonêmica	Tradução portuguesa
Ahoay-guaçu (P. 56)	— agúai-gúasú	— cascaveleira (4);
amore-guacu (M. 166)	— amoré-gúasú	— moréia-do-mangue;
araca-guacu (M. 105; P. 34)	— arasá-gúasú	— goiaba, araçá-goiaba;
boi-guacu (M. 239; P. 48)	— mboi-gúasú	— sucuriúba, cobra-veado (5);
caa-guacu-iba (M. 97)	— ?	— caule de fôlha grande (6);
camaripu-guacu (M. 178/9)	— kamurupy-gúasú	— um peixe elopídeo muito comum no Nordeste (7);
caraguata-guacu (M. 87; P. 123)	— karagúatá-gúasú	— gravatá-açu;
cebipira-guacu (P. 88)	— ?	— sucupiruçu (8);
cugupu-guacu (M. 169)	— kunapú-gúasú	— mero (9);

(3) A edição de Piso é intitulada: *De Indiae utriusque re naturali et medica*; Amsterdão, 1658.

(4) Reparem antes do mais no h, que aí representa o fonema g muito suave na combinação gu. Temos nêle mais uma prova, allada à indicação caracterizante de que, à base da grafia gu dos velhos mestres do tupi e do guarani, houve de fato indubitável razão fonêmica, por mais que generalizações apressadas o queiram pôr em dúvida. Compare o que diz o catecismo Araújo/Leão na página quarta da sua preciosa advertência. Tanto Léry como Thevet se referem à árvore *nouai*, *ahouai*. A amêndoa dos seus frutos é tóxico violento de que os índios, principalmente os pajés lançavam mão para eliminar os desafetos. O nome português lhe vem de uma finalidade mais inocente do fruto esvaziado; dêle os índios fabricavam os seus cascavéis, isto é, os guizos com que guarneclam as jarreteiras de gala. — (Thevet — *Singularités*; cap. 36. — Léry — *Voyage*; cap. 8 e 13.)

(5) Veja o capítulo que trata dos aumentativos em João Staden. Não se trata no caso de aumentativo.

(6) É tradução literal do nome indígena, que é uma sucinta descrição da árvore pequena, cuja identificação está por ser feita, segundo o comentarista da tradução de São Paulo.

(7) Léry também registra êsse peixe marítimo. O vocábulo sofreu diversas alterações e aparece hoje também nas formas: *camorupi*, *camorupim* e *camaropim*. Cardim escreveu *camurupy*.

(8) É uma variedade maior de *sebipira*. Gabriel Soares grafou *sepepira*, forma que, por metaplasmo, corresponde a *sicupira* e *sucupira*. Se Piso ouviu de fato *gúasú*, então o vocábulo talvez fôsse oxitono entre os índios, onde o colheu; portanto *sebipirá-gúasú*, porque só aos oxítonos cabe a forma *gúasú*. Entretanto, é mais provável que a memória o tenha traído. Ainda hoje os mateiros dizem corretamente *sucupir-usú*, ou, às vezes modificado em *sucupir-asú*. Com isso não queremos negar houvesse alguns casos de *sistole*, como em *mingau* e *sanhaço*, ao passar o termo para o português. A forma tupi primitiva, a julgar pelas variantes, deve ter sido *sypypira*, *sykypira*, ou *sybypira*.

(9) Parece nome mal transcrito por *cunapu-guaçu*, que se conservou em várias regiões da costa, enquanto na Bahia se diz *canapu*. Gabriel Soares tem *cunapu*.

cunumi-guacu (M. 276)	— kunumĩ-gŭasŭ	— mŏço (10);
guaca-guacu (M. 205)	— ?	— uma gaivota;
guatapi-guacu (M. 278)	— gŭatapy-gŭasŭ	— um búzio (11);
guira-guacu-beraba (M. 212)	— gŭyrá-gŭasŭ-beraba	— ? (12);
iequie-guacu (M. 279)	— iekéi-gŭasŭ	— cŏvã, nassa grande (13);
inaja-guacu (M. 138)	— inaiá-gŭasŭ	— cŏco, coqueiro (14);
inaja-guacu-iba (M. 138; P. 72)	— inaiá-gŭasŭ-yba	— coqueiro (15);
jabiru-guacu (M. 200)	— iabyrŭ-gŭasŭ iaburŭ-gŭasŭ	— passarão (16);
jaguacati-guacu (M. 194)	— ?	— martim-pescador;
mucuna-guacu (P. 56)	— mukunã-gŭasŭ	— mucunã-guaçu, uma legu- minosa trepadeira;
munde-guacu (M. 272)	— mundé-gŭasŭ	— uma armadilha grande;
mundubi-guacu (M. 96)		
munduy-guacu (P. 93)	— ?	— pinhão-de-purga (17);
murucuja-guacu (M. 70; P. 117)	— murukuiá-gŭasŭ	— maracujá-melão (18);
nhambu-guacu (M. 77; P. 102)	— ?	— uma casta de mamona, se- gundo Piso;
nhandu-guacu (M. 190, 248; P. 50)	— nhandŭ (-gŭasŭ)	— ema;

(10) Foi registrado por Cardim, à p. 97, sem o adjetivo.

(11) Gabriel Soares escreve *oatapu* (gŭatapŭ), mas já nos próprios dialetos indígenas se verifica a mudança de y para u.

(12) A tradução literal do nome indígena é grande ave brilhante. Embora cientificamente classificada, (*Hemithraupis guira guira*) o comentarista da parte ornitológica de Marcgrave não conseguiu descobrir o nome vulgar dessa ave vistosa das campinas. Não consta dos compêndios tupis êsse apelido descritivo.

(13) Se não houve engano de transcrição, no dialeto potiguar a designação para *nassa*, covo era *iekéi*, em lugar de *iekeké*, que os jesuítas dão no seu vocabulário tupi. Tratar-se-á de metaplasmo ou de formas diferentes de covos, como em *iekeké*.

(14) *Inaiá* era o nome tupi para o coquilho da pindoba. O cŏco sendo exótico no Brasil, é natural que o índio lhe conferisse um nome baseado na comparação com frutos indígenas similares. Daí *inaiá-gŭasŭ*, por ser o cŏco (da Índia) bem maior do que o coquilho da pindoba. Compare a nota 37, no capítulo dedicado aos aumentativos em d'Abbeville.

(15) A tradução literal é árvore do inajá grande, em que inajá tem o significado tupi de cŏco da pindoba. Tendo o índio dado ao cŏco da Índia o nome de *inaiá-gŭasŭ*, pois viu o cŏco importado antes da árvore, que dele se desenvolveu aqui, a designação de *inaiá-gŭasŭ-yba* é uma decorrência lógica, embora não corresponda à praxe tupi, onde o nome dos cŏcos, com exceção da pindoba, também designa a árvore sem o auxílio de *yba*.

(16) Marcgrave anota que *iabyrŭ-gŭasŭ* dos potiguaras corresponde a *nhandŭ-apŭã* dos tupinambás. *Apŭã* é o promontório, o cabo, o beico superior. Aqui se refere à parte superior do bico, que é maior do que a inferior. O passarão era, pois, para os tupinambás, uma ema bicuda e para os potiguaras um *jaburu grande*. Influências do meio geográfico.

(17) Na designação de Piso já não figura o b; talvez houvesse lapso na transcrição.

(18) *Murukuiá* corresponde à grafia de Cardim, p. 72.

nhumbu-guacu (M. 278)	— ?	— trombeta feita de búzio (19);
pai-pai-guacu (M. 255)	— ?	— uma vespa;
pitanga-guacu (M. 216)	— ?	— um bem-te-vi;
poti-guacu (M. 188)	— potí-gúasú	— pitu;
pua-guacu (M. 276)	— moã-gúasú	— dedo polegar;
timbo-guacu (P. 126)	— timbó-gúasú	— um cipó timbó;
urape-guacu (P. 89)	— ?	— bilreiro (20);

A forma "usú" em Piso e Marcgrave

copuer-ucu (P. 43)	— ?	— uma vespa (21);
eir-ucu (P. 64)	— eir-usú	— a abelha urucu (22);
guar-ucu-eremambi (M. 256)	— iakyrana	— cigarra;
ietic-ucu (M. 41)	— ietyk-usú	— batata de purga (23);
iitic-ucu (P. 104)		
isoc-ucu (M. 252)	— ysok-usú	— uma lagarta (24);
pacob-ucu (M. 138, 274)	— pakob-usú	— banana-da-terra;
piab-ucu (M. 170)	— piab-usú	— uma piaba.

A forma "asú" em Piso e Marcgrave

aguaracuinha-ucu (P. 120)	— agúará-kyynh-usú	— erva-moura (25);
ating-ucu-camucu (M. 216)	— ?	— alma-de-gato (26).

(19) Nhumbú, sem dúvida, tem relação com a jombiá (= iumbiá) — buzina, do Dicionário Português e Brasiliano e da Poranduba Maranhense, pela mudança de f para nh na vizinhança de nasais. Esta palavra, por qualquer falha, aparece em Lery na forma de inubia, forma indefensável, que se vem mantendo, com outras extravagâncias, através das obras de Gonçalves Dias e copiadoreis. O Vlb. não traz nenhum destes termos.

(20) Piso indica os dois nomes: urapó-gúasú e jító; Marcgrave apenas jító. Há diversas variedades.

(21) A designação aparece em Gabriel Soares, cap. 91, na forma capuerucu, onde já se nota a influência do étimo kaá, que se perpetua erradamente em capueira e capixaba.

(22) Eira significa propriamente mel e, em compostos, também abelha. Eir-usú é literalmente muito mel.

(23) A falta de cedilha propagou a forma jeticucu em lugar de jeticucu. Em tupi ietyk-usú significa batata grande e já vem mencionado no cap. 61 de Gabriel Soares com as virtudes purgativas. Compare a estranha etimologia de R. Garcia, em Fernão Cardim, p. 131.

(24) Lagarta é ysoka em tupi e lagarta grande — ysok-usú. Não se compreende, assim, por que o comentarista de Marcgrave lançou mão do termo guarani ysog para a sua explicação.

(25) Há inversão de letras nesta palavra, de que a maioria dos compendia-dores não se dá conta: aguara-cuinha-ucu está por aguara-cuinha-ucu, mais exata-mente, agúará-kyynha-asú por agúará-kyynh-usú, que este último é a forma cor-reta em tupi. A tradução literal é pimenta grande do guará (= cachorro do mato ou lóbo). Inácio de Menezes (Flora da Bahia) vê sinonímia em aguaraquiunha-ucu (sic!) e crista-de-galo. O Vlb. traduz agúará-kyynha por erva-moura. A for-ma aumentativa correta é agúará-kyynh-usú.

(26) O alma-de-gato aparece também com o nome atingacu. Gabriel Soares registra atiaçu. Entretanto, atingasú no Vlb. designa uma uma gaivota. Encon-tra-se também atinguacu e tinguacu traduzido por alma-de-gato. Veja a nota 52 ao mesmo termo no capítulo dedicado a d'Abbeville.